

# Conhecimento de almanaque: Usos e abusos da memória e do esquecimento

LINARA BESSEGA SEGALIN<sup>1</sup>

## Introdução

*O tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão somente os dias, as semanas, os meses, os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques. Se muitos povos os não em ainda hoje, se outros morreram sem os ler, é porque vieram depois dos acontecimentos que estou narrando.*

*Machado de Assis – Como se inventaram os almanaques*

Um conjunto de páginas, hoje frágeis e amareladas pela ação do tempo, que contém informações e conhecimentos variados, como aspectos históricos, econômicos, culturais, poesias, literatura, biografias, anedotas, receitas, conselhos, calendários, astrologia, jogos, passatempos, curiosidades, informações sobre as transformações tecnológicas, propagandas e charadas. Esses são os almanaques. Neles, uma diversidade de conhecimentos de todos os tipos, é agrupada em edições anuais. Os almanaques, pela sua diversidade e pluralidade, representam importantes fontes para o estudo da história cultural e social, mas, muitas vezes são “esquecidos, ignorados ou até desprezados”. (BROTEL, 2001: 17).

Neste artigo dirigimos o olhar para os conhecimentos de almanaque que, segundo Botrel, “constituem uma prática universal, mas que também pode ser profundamente e especificamente brasileira” (2001: 8), enfocando o estudo dos usos e abusos da memória e do esquecimento, a partir das reflexões de Paul Ricoeur.

O interesse pelos almanaques está relacionado ao nosso objeto de pesquisa no mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na pesquisa do Mestrado, buscamos analisar os discursos e representações de gênero

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pela UFRGS, Bolsista Capes.

presentes nas páginas de dois almanaques específicos do Rio Grande do Sul, o *Almanak Litterario e Estatístico da Provincia do Rio Grande do Sul*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues em Pelotas, RS, na Typographia da Livraria Americana, durante os anos de 1889-1917 e o *Almanach Popular Brasileiro*, Editado por Echenique & Irmão, em Pelotas, RS pela Livraria Universal, durante os anos de 1894-1908. Os exemplares encontram-se disponíveis na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul.

Ao longo da análise dos almanaques *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanach Popular Brasileiro* constatamos diversas passagens, sob diferentes formas e momentos das publicações, que sinalizam discursos e representações de gênero. Nas fontes analisamos o tratamento da questão da dicotomia entre os sexos, observando se estes discursos naturalizam a separação entre público/homem e privado/mulher. Analisamos se, nos discursos, existem elementos que enfatizem a inferioridade das mulheres, bem como desvelamos se os discursos tentam definir valores, condutas e comportamentos distinguindo os sexos. Também procuramos elucidar se as narrativas e representações de gênero apresentam influência da moral positivista de Comte, tendo em vista a grande influência da filosofia positiva no Brasil neste período, principalmente no Rio Grande do Sul, e o caráter pedagógico dos almanaques, analisando qual a postura utilizada para tratar da educação dos meninos/homens e das meninas/mulheres.

Portanto, para uma melhor compreensão sobre a construção dos discursos e representações de gênero nos almanaques, uma análise mais detalhada sobre as próprias fontes se faz necessária, observando a sua lógica, seu funcionamento. Os estudos de Paul Ricoeur sobre os usos e abusos da memória e do esquecimento são fundamentais para analisarmos essas publicações que pretendiam ser o guia de um ano que começava, pretendiam trazer em suas páginas conhecimentos úteis para a “oficina da vida”, como dizia Machado de Assis. Desta forma, intriga-nos saber que tipo de memória, que tipo de lembranças, que tipo de personagens e datas históricas, que tipo de poemas, que tipo de curiosidades eram dignas de constar em tais publicações, como sendo referências de leitura durante um ano inteiro ou mais.

Neste artigo, analisamos especificamente o *Almanach Popular Brasileiro*. Um estudo posterior, também deverá englobar a análise do *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*.

Num primeiro momento, apresento os Almanagues, de uma forma geral, sua estrutura, sua história, sua composição e sua intrigante função na sociedade. Em seguida, assinalo algumas das principais reflexões de Paul Ricoeur sobre os usos e abusos da memória e do esquecimento e, por fim, analiso de que forma a memória e o esquecimento se fazem sentir nos almanagues, no que diz respeito aos hábitos, costumes, sabedoria popular, história e também, de que forma a memória é utilizada para construir os discursos e representações de gênero.

### **Almanach, Almanak, Almanaque**

*Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanagues, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E não de chover almanagues, O tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.*

*Machado de Assis – Como se inventaram os almanagues*

Segundo Jerusa Pires Ferreira, os almanagues, apesar da diversidade, mantém “um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre móvel e atualizável a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes” (2001: 19). O almanaque abriga em suas páginas conhecimentos científicos e mágicos, ambos empenhados em facilitar a vida cotidiana. Tal especificidade faz do almanaque, uma espécie de conselheiro e guia. Ainda segundo Ferreira, o almanaque traz “por um lado a fragmentação, por outro a memória reativada. A concepção de almanaque cobre e recupera práticas e saberes dos mais antigos aos mais imediatos” (2001: 20) Provérbios e pensamentos antigos, conselhos da sabedoria popular convivem com informações sobre as novas tecnologias.

Segundo Brotel, essas publicações “são testemunhos, até hoje, de evoluções próprias ao Brasil, que acompanhou ou favoreceu. Tudo isso e muito mais faz parte dos almanagues de cada época, constituindo um pequeno e fecundo repertório de todo o tipo

de saber”. (2001: 17-18.) Jerusa Ferreira destaca que, no Brasil, os almanaques tiveram um aspecto civilizador:

*No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representam chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação afetiva de repertórios (2001: 20).*

Guerreiro e Correia (1986) também expressam sua posição quanto ao alcance disciplinar e civilizador dos almanaques, citando Eça de Queiroz que assinalava que: “Almanaque é um livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula com precisão toda a nossa vida social”.

No livro “Do almanak aos almanaques”, organizado por Marilyse Meyer e cujos autores já foram citados aqui, planejado a partir das reflexões do Colóquio Internacional “Os almanaques populares: Da América à Europa – Gênero, Circulação e Relações interculturais, realizado em Campinas, na Unicamp e em São Paulo, em outubro de 1999, esse por sua vez, inspirado no Colóquio: “Les Almanachs Populaires em Europe et dans lês Amériques (Sécs. XVII-XIX), realizado na Universidade de Versailles Saint-Quentin-em-Yvelines, em 1998, podemos observar a variedade e pluralidade desse gênero de publicação no Brasil.

No livro podemos observar que os almanaques já se faziam presentes no Brasil desde o século XVIII com, por exemplo, o *Almanach da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Já no século XIX, temos o *Almanach familiar – Portugal e Brazil*, o *Almanak Imperial do Comércio e das corporações civis e militares*, o *Almanak Geral do Império do Brasil*, *O anuário político, histórico e estatístico do Brazil*, *Almanach de lembranças*, *Almanak de Campinas* e o *Almanach Popular Brasileiro* que também é citado. Adentrando o século XX encontra-se entre outros o *Almanach Ilustrado do Brasil Portugal*, o *Almanak da Antartida*, *Almanak Brasileiro Garnier*, *Almanak agrícola brasileiro*, *Almanaque Eu sei tudo*, *Almanaque Bertrand* e *Almanaque do Pensamento*.

Também existe uma grande variedade de almanaques de farmácia como é o caso do *Almanach A saúde da Mulher*, *Almanaque Capivarol*, *Almanaque Lisa*, que desempenhavam, segundo Marareth Brandini Park, um papel político e pedagógico no

Brasil, pois transmitia de forma simples a versão da ciência tão importante no final do século XIX e início do século XX. No Rio Grande do Sul também percebemos a variedade e a diversidade dos almanaques. Entre eles podemos citar, além dos aqui utilizados como fonte, o *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*, o *Almanaque Enciclopédico Rio-Grandense* (1898-1899), o *Almanaque do Correio do Povo*, o *Almanach de Pelotas*, o *Almanaque do Globo* o *Almanach da Serra*.

Diante da diversidade dos almanaques existentes no Brasil – diante de seu alcance, de sua função de reativar memórias, introduzir modernidades, conceitos a serem seguidos ou desprezados – é que somos motivados a estudá-los como fonte importante para a entendermos a história cultural e social do país, nesse período de transição, na virada do século XIX para o século XX, principalmente no que mais nos interessa: a importância dessas publicações na construção de papéis de gênero “adequados” para tal circunstância histórica.

Analisar a forma como a memória é utilizada nos almanaques, a partir de uma construção narrativa do que se quer, do que se pretende que seja lembrado ou esquecido é de primordial para a compreensão da construção dos papéis de gênero nos almanaques aqui analisados. Para uma maior reflexão sobre a problemática da memória, utilizaremos aqui alguns aspectos da teoria de Paul Ricoeur sobre os usos e abusos da memória manipulada e obrigada e sobre os abusos do esquecimento.

### **Memória, história e esquecimento**

Ricoeur enfatiza, no início do livro “*A memória, a história e o esquecimento*”, que, sua motivação pública para estudar as relações entre história, memória e esquecimento é o “Excesso de memória aqui e o excesso de esquecimento acolá” (2007: 17). A ênfase de seu trabalho é pela política da “justa memória” (2007: 17), tentando achar alternativas para superar os abusos do “dever de memória” (2007: 17) e do esquecimento vivenciados pelas sociedades. Segundo o autor, o trabalho do historiador pode ajudar a criticar os elementos fornecidos pela memória, confrontando-os com fontes históricas, conciliando assim, a busca pela aproximação da verdade. Ou ainda, questionar os excessos e abusos da memória e também o questionar o que se esquece, o que não se menciona, os motivos pelos quais existem tais silêncios.

O fato é que “a memória é exercitada” (RICOEUR, 2007: 71) O exercício da memória é capaz de interferir na dimensão veritativa da memória, pois o exercício da memória é o seu uso, e o uso comporta a possibilidade de abuso. É através dos abusos que a dimensão de veracidade da memória fica comprometida (RICOEUR, 2007: 72)

*É nos abusos da memória natural que será depois dedicada a maior parte deste capítulo; iremos distribuí-los em três planos: no nível patológico terapêutico serão evidenciados os distúrbios de uma memória impedida; no plano propriamente prático, os da memória manipulada; no plano ético-político os de uma memória abusivamente convocada, quando comemoração rima com rememoração. Essas múltiplas formas de abuso salientam a vulnerabilidade fundamental da memória que resulta da relação da ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação. (RICOEUR, 2007: 72)*

O autor inicia com uma abordagem clínica, terapêutica, emprestada da psicanálise para tratar da memória impedida. Depois, passa às formas concertadas de manipulação da memória, que depende da crítica das ideologias existentes e, em seguida, reserva o diálogo para o nível ético-político, além de tratar a questão do dever de memória. A seguir desenvolvemos alguns aspectos relevantes da tipologia da memória manipulada e obrigada para que sirva de base para a análise feita nos almanaques.

*Memória manipulada:* é a manipulação concertada da memória por meio dos detentores do poder, é nesse plano, o da memória instrumentalizada que mais se tornam visíveis os abusos de memória. A memória manipulada está enraizada na problemática da memória e da identidade, tanto coletiva como pessoal. Para ele, o cerne do problema encontrava-se na mobilização da memória em busca da reivindicação da identidade. É aqui que, o autor expõe o problema do excesso de memória em tal região do mundo e insuficiência em outra. Os abusos de memória de um lado são também abusos do esquecimento. (RICOEUR, 2007: 93-94) “A celebração de um lado corresponde à execração do outro. É assim que se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas reais e simbólicas” (RICOEUR, 2007: 95)

Segundo o autor, a ideologização da memória se torna possível através da variação de recursos oferecidos pelas narrativas. É na função seletiva da narrativa que a manipulação encontra estratégias tanto de esquecimento quando de rememoração.

Reside aí um pacto terrível de rememoração, memorização e comemoração, e entra em cena a difícil questão do dever de memória. (RICOEUR, 2007: 98)

*Memória obrigada:* trata do pretense dever de memória. Aqui, desenvolve a tese de que esse pretense dever surge na Europa, após a II Guerra Mundial, a partir das dificuldades vivenciadas pela comunidade em construir uma memória desses acontecimentos de modo apaziguado. (RICOEUR, 2007: 99)

“Dizer você se lembrará significa dizer você não se esquecerá” (RICOEUR, 2007: 100). Assim, é a relação do dever de memória com a ideia de justiça que se deve questionar. Os abusos de comemoração, rememoração, celebração, vivenciados pela nossa era devem ser questionados.

O fato de que é impossível que se lembre de tudo. Esquecemos a maior parte das coisas do nosso passado, e isso faz da problemática do esquecimento, uma contínua ameaça a fenomenologia da memória e da epistemologia da história. O dever de memória anuncia-se como uma exortação da ideia do não esquecer. O esquecimento muitas vezes é carregado por um caráter opressivo e é tido com um dano à confiabilidade da memória. Mas seria desumana a lembrança de tudo o que ocorre, portanto, é necessário que a memória negocie com o esquecimento para manter um equilíbrio

Mas interessa-nos aqui a os abusos do esquecimento da memória manipulada, conceito que utilizaremos e nossas análises. A manipulação da memória e, portanto a utilização exagerada do esquecimento acontece, pelo próprio caráter seletivo da memória. Para Ricoeur os abusos do esquecimento da memória manipulada ocorrem em uma das camadas mais profundas do esquecimento, mais afastada da ideia de passividade, por que os abusos de memória são, de saída abusos do esquecimento. (2007: 455)

É através da função mediadora a narrativa, que os abusos de memória tornam-se abusos do esquecimento. Ressalta o perigo da memória autorizada, celebrada, comemorada, enfim, a memória oficial. O esquecimento encontra sua forma mais ardilosa, pelo fato dos atores sociais, muitas vezes, estarem desapaosados do poder de narrarem a si mesmo. Dessa forma, a narrativa, muitas vezes utiliza o esquecimento de

como expressão de má-fé, como estratégia de evitar alguns conhecimentos e reforçar outros. (RICOEUR, 2007: 455)

Após essa breve abordagem sobre as argumentações de Paul Ricoeur sobre a Memória, a História e sobre o Esquecimento, iniciamos, no próximo item as articulações entre a teoria do autor e as fontes da nossa pesquisa.

### **Usos e abusos da memória e do esquecimento no Almanach Popular Brasileiro**

Como observamos anteriormente a memória manipulada é aquela memória articulada pelos detentores do poder, ou do discurso, articulada na ideia da construção de uma identidade tanto coletiva quanto pessoal. Segundo Ricoeur a manipulação se constrói através dos recursos oferecidos pelas narrativas. É na narrativa, segundo ele, que à manipulação encontra estratégias de esquecimento, de rememoração e de comemoração (RICOEUR, 2007: 93- 94,98). Os excessos de comemoração, de celebração, são também considerados abusos da memória, é a ideia da memória obrigada. “Dizer você se lembrará significa dizer você não se esquecerá” (RICOEUR, 2007: 100). Analisaremos a seguir quais as representações históricas e sociais aparecem nos almanaques e, portanto, que eram consideradas significativas para que fizessem parte da memória pessoal e coletiva da época.

Segundo uma nota encontrada no almanaque, em comemoração aos cinco anos de sua publicação, as tiragens do almanaque chegavam a 14 mil exemplares. Nela, também se observam quais são os autores utilizados com mais frequência durante estes cinco anos. Dentre os quais estavam:

*As Exmas. Adelina Amélia Lopes Vieira, Albertina Paraizo, Julieta de Mello Monteiro, Revocatta Heloísa de Mello, Francisca Julia da Silva, Julia Lopes de Almeida, Zalina Rolin e dos ilustres escriptores Affonso Cesar Junior, Alberto de Oliveira, Anthero do Quental, Aluizio Azevedo, Antonio Salles, Augusto Lima, Athur Azevedo, Bernardo Taveira Junior, Bulhão Pato, B. Lopes, Camilo Castelo Branco, Castro Alves, Clovis Belivacqua, Coellho Netto, Escrangnolle Doria, Fernandes Costa, Francisco Octaviano, Eça de Queiroz, Juvenal Galeno, Lucindo Filho, Fontoura Xavier, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Garcia Redondo, João de Deus, José de Alencar,*



*José Bonifácio, J.A. Montenegro, Padre J.J. Côrrea de Almeida, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça, Luiz Delfino, Luiz Guimarães Filho, Machado de Assis, Raymundo Côrrea, R. DE Campoamor, Ruy Barbosa, Famalho Ortigão, Raul Pompeia, Sylvio Romero, Theophilo Dias, Tobias Barreto, Urbano Duarte, Visconde de Taunay, Valentim Magalhães, e outros escritores brasileiros, portugueses e francezes, hespanhóes, chilenos, etc. (Almanach Popular Brasileiro, ,1898<sup>2</sup>)*

Notam-se a presença de textos, poesias, comentários de diversos escritores nacionais, alguns mais conhecidos que outros, além da presença de escritoras. A presença de textos de mulheres, tanto como autoras ou como colaboradoras, perpassa todas as edições dos almanaques. Na consulta aos índices de autores e colaboradores, no término de cada almanaque, constatou-se uma média de até 20 mulheres para uma média de até 160 homens mencionados. Tal evidência assinala uma importância significativa da voz masculina dentro dos almanaques, tanto na escolha dos temas colocados em pauta, tanto em termos de ideologias, valores, memórias a serem difundidas, mas também assinala a atuação das mulheres como leitoras, questionadoras dos escritos masculinos.

Em outro momento, na “Secção de annuncios” para a edição de 1899, onde aparece a listagem de preços, para quem desejava colocar um anúncio no almanaque, os editores assim descrevem o alcance dos almanaques, com o objetivo de conquistar anunciantes:

*“Desnecessario é encarecer a utilidade do anuncio numa publicação como esta, de consulta constante durante um anno e cuja distribuição se faz por todo o Brazil, Rio da Prata, Pacífico, Portugal e Colônias Portuguesas da Africa e da Ásia.” (Almanach Popular Brasileiro, 1898.)*

O Almanach apresenta, em sua estrutura, uma pequena *Introdução*, seguida por uma parte denominada *Calendário* com indicações sobre o tempo, o clima, as estações; outra parte denominada *Indicações*, onde se apresentam informações úteis à vida em sociedade, como é o caso dos códigos telegráficos, informações sobre os Correios, sobre o funcionamento da rede ferroviária, informações sobre registros de nascimentos, óbitos, matrimônios, tabelas de câmbios, dados sobre os estados brasileiros; depois, por uma *Parte Recreativa* onde se encontram os poemas, as prosas, as charadas, as

---

<sup>2</sup> Os trechos extraídos dos almanaques foram transcritos de acordo com a ortografia original.

anedotas, a parte histórica; finalizando com dados sobre o *Expediente* do Almanach, com o *Índice de Collaboradores* e com *Índice de matérias publicadas*.

De acordo com Helenice Rodrigues da Silva “Em busca de um consenso nacional, o poder político investe nas lembranças das grandes datas, de maneira a encontrar no passado uma legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva” (2002: 425). A valorização das datas, para a construção de uma memória nacional, também se faz presente no almanaque. Privilegiam-se não somente datas nacionais, mas também datas importantes para uma compreensão histórica da condição da época. Assim, todos os anos, o Almanach Popular Brasileiro apresentava os mesmos fatos importantes e os respectivos anos que haviam transcorrido após os mesmos, como mostramos a seguir. Relembra-se no ano de 1897:

*Os 1864 anos da morte de Cristo, os 474 anos da Invenção da Imprensa, 405 da Descoberta da América, 397 da descoberta do Brasil, 361 da fundação do primeiro engenho no Brasil, 250 da publicação da primeira obra no Brasil, (...), 75 anos da Independência do Brasil, 43 anos da inauguração da primeira estrada de ferro no Brasil, 41 anos da inauguração do telegrafo elétrico, 27 anos do termino da guerra do Paraguai, 23 anos da inauguração das comunicações telegráficas entre Brasil e Europa, 9 anos da emancipação dos escravos no Brasil, 8 anos da Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, 6 anos da Proclamação da Primeira Constituição Brasileira. (Almanach Popular Brasileiro, 1897: 5- 6)*

Silva também destaca que, para Ricoeur, os abusos de memória se traduzem pela política abusiva das comemorações das grandes datas (2002: 431). Nos almanaques também é destacada a importância da celebração dos feriados nacionais

Para Ricoeur, a memória pessoal e a memória coletiva se cruzam e se instauram mutuamente. Existem aspectos da memória que são exclusivamente pessoais, mas, nossas concepções de memória individual se fortificam graças à memória coletiva, que por sua vez se reforça por meio das comemorações, celebrações que pretendem que sejam lembradas. No Almanach Popular Brasileiro notamostanto momentos de *rememoração*, onde os autores utilizam sua bagagem pessoal na construção das memórias repassadas, como momentos de *comemoração*, ou seja, a articulação dessas memórias estratégicas com vistas à formação de uma memória coletiva. Nas fontes fica claramente destacada a preocupação de construir uma memória nacional baseada em datas e episódios históricos importantes e também, nas histórias memoráveis dos

“ilustres” nomes do cenário nacional, seja da área da política, da área militar, do direito, etc. Essa preocupação se faz presente logo nos primeiros anos da publicação como evidenciamos a seguir.

*As crescentes sympathias de que tem sido cercada essa publicação, tanto no Brasil como em Portugal, manifestadas ainda no ultimo anno com a extracção quase completa de sua edição de 10.000 mil exemplares, animam-nos no propósito de tornal-a cada vez mais digna de protecção pública. Com este objectivo iniciaremos no próximo anno a publicação de retratos de brasileiros illustres já fallecidos acompanhado de retratos biographicos e de um júzo crítico, que confiaremos a distintos escriptores. A direcção.*  
(Almanach Popular Brasileiro, 1897)

Realmente, nos próximos anos ampliam-se significativamente o número de biografias de pessoas ilustres que teriam marcado a história da pátria. Notam-se, em média, 14 biografias por ano, acompanhadas por retratos e compostas praticamente por personagens masculinos, com exceção da publicação da Biografia de Auta de Souza, em função de sua morte em 1906. Auta de Souza era uma escritora do Rio Grande do Norte cujos textos e poemas haviam sido publicados no almanaque anteriormente. A presença de retratos é significativa e demonstra a importância atribuída a essas biografias, uma vez que ilustrações são bem raras na composição do almanaque. A referência à história e à memória da pátria, fazem com que o almanaque, segundo seus editores, se tornasse digno do nome que carregava, “popular”.

*(...) Finalmente, o Almanach Popular Brasileiro tem procurado corresponder à significação do seu título, tornando-se popular pelas materias de feral interesse que encerra e brasileiro pelos fatos da historia da pátria que relembra e pela homenagem que presta a seus filhos illustres, homenagem que será mais significativa no próximo anno em diante com a publicação de retratos e biographias de escriptores nacionaes.*( Almanach Popular Brasileiro, 1898)

O trato das biografias sempre enaltece os personagens como sendo os ilustres filhos da pátria, como sendo exemplos para serem seguidos por todos, como podemos observar na pequena passagem retirada da biografia de Couto de Magalhães.

*Couto de Magalhães pertencia à raça dos finos, dos selectos, dos excepcionaes, dos que fazem honra a uma geração e a um povo.* (Almanach Popular Brasileiro, 1903: 103)

A Guerra do Paraguai é um dos fatos históricos mais mencionados nas páginas dos almanaques, sempre mencionando trajetórias de coragem dos soldados

participantes. A história oficial, dos soldados, dos poetas, dos escritores, políticos, era frequentemente enaltecida, inclusive com trechos intitulados “As últimas palavras de homens ilustres”. Procurava-se privilegiar os “bons” exemplos para os cidadãos da época que, deveriam ser úteis a sua Pátria.

Ricoeur afirma que é pela seleção da lembrança que passa a ser instrumentalizada a memória coletiva. Essa organização da lembrança dos “grandes homens da nação” visa o não esquecimento dos feitos pela Pátria, realizados por homens, num momento em que, se convocam os cidadãos para se dedicarem ao progresso tecnológico e moral da Nação. Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento, reviver a valorização dos grandes valores e ideais para que se constituam em objeto principal de uma comunidade, nação. Segundo Silva, a função seletiva da memória, articulada pela narrativa, privilegia os mitos fundadores e as utopias nacionais, e apaga, ou conduz ao esquecimento coletivo, fatos constrangedores, ou violências da história, como é o caso do massacre indígena ou da escravidão (2002: 432).

Realmente, não observamos nenhuma passagem que privilegiasse os episódios da escravidão indígena ou negra. Encontramos, porém, um texto sobre as contribuições advindas dos “selvagens da terra” que foram adotadas pelos portugueses. No entanto, como podemos observar na passagem abaixo, defende-se o estereótipo do índio como sendo selvagem ou bárbaro.

*Selvagens do Brasil - Usos e costumes que passaram aos colonos europeus - As circunstancias particulares do paiz, não menos que as relações com seus habitantes, induziram aos colonos a receber dos bárbaros o uso de muitos objetos, instrumentos, utensílios, etc, etc. (...) Historia do Brazil - Padre Rphael M. Galanti (Almanach Popular Brasileiro, 1898: 208)*

Para destacar como havia ocorrido a Proclamação da República dedicaram-se algumas páginas do almanaque, no entanto, para esclarecer ou problematizar a abolição da escravidão negra no país, ocorrida anos antes da publicação da primeira edição do almanaque, não se encontra nenhuma menção. Desta forma, notamos claramente a intenção do almanaque em estabelecer uma memória coletiva construída a partir de uma identidade branca, de um passado e presente repleto de homens ilustres e de datas importantes para que sejam lembradas. Tudo isso sugere um direcionamento da

consciência, da memória, para elementos que pudessem ser úteis ao progresso da nação, tão almejado em fins do século XIX e início do século XX.

### **A memória manipulada e as representações de gênero nos almanaques**

O maior apelo relacionado à construção de Gênero nos Almanques diz respeito à intenção política de se construírem os futuros homens da nação, papel este, em grande parte atribuído às mulheres. No final do século XIX, inicia-se a preocupação com a infância, a preocupação em instruir os homens para ocuparem eficientemente, os cargos da uma sociedade pautada na ideia de progresso, e a preocupação de instruir as mulheres para que possam ser úteis a essa missão de educar os filhos, em especial os filhos homens, para que consigam desempenhar essa função tão importante para aquela época.

São inúmeros os trechos que mencionam essa intenção, como podemos observar na citação abaixo, onde, num texto de quatro páginas intitulado “Educação”, Julia Lopes de Almeida, discorre sobre a importância da educação dos filhos realizada pelas mães. No entanto, ressalta que essa tarefa ficava prejudicada, pois, devido às péssimas condições do ensino da mulher, não podiam responder inúmeras indagações feitas pelos filhos, fazendo-as passar por tolas. Nota-se, portanto, nesta passagem, uma série de conhecimentos que eram considerados de menor importância para o conhecimento da mulher, um direcionamento ao esquecimento de certos assuntos que seriam ligados à ciência e, portanto fora do campo de atuação das mulheres da época.

*É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar-se de si – o ensino dos filhos, ao menos os primeiros passos de leitura, escriptas, contas, um pouco de geographia e desenho. Já não falo em outras matérias como geometria, línguas, etc, porque desgraçadamente a nossa instrução é em geral de uma pobreza pasmosa e não permitiria acompanhar até mais longe o estudo de uma criança nem dirigil-o cnvenientemente. E é principalmente essa missão que deve induzir as moças a lêr e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com intelligencia, alegremente, maternalmente.*

*A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Ahi a nossa desgraça! Se elles nos perguntam sobre os phenomenos da natureza, os primeiros a attrahirem a sua atenção, que resposta lhes damos ? Elles querem saber o que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a luz, como e porque lampejam as estrellas, porque se use no horisonte a terra e as*

*nuvens, e o que é a terra, a pedra, o movimento, a água, o sol, o som, a vaga, a flor, o insecto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo, e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos avergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas.*

*Então é que nos vem á mente o desprezo pela instrucción ornamental, apparatusa, com quem conquistamos nas salas, o prestígio e o renome! São os lábios innocentes e roses de uma creança que nos inflingem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar exercícios e musicas, onde na maior parte das vezes não entrava em nossa alma, a nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar. A nossa desgraça está, portanto, em que o elemento decorativo continua a predominar, quer se trate de adorno do corpo, quer das conquistas de espírito. Sem consultar vocações nem vontades, exige-se em geral, que todas as moças toquem piano, saibam fazer sala e falar francez.(...) Julia Lopes de Almeida (Almanach Popular Brasileiro, 1897, p.270)*

A ênfase na educação e na diferenciação dos ensinamentos para e meninas e meninas pode ser percebida na citação abaixo. Reforça-se na memória coletiva, o estereótipo da fragilidade e docilidade da mulher e da força e racionalidade masculina. A citação abaixo, também nos faz perceber, a necessidade de controlar os modismos seguidos pelas mulheres, como é o caso do uso do “colete”, peça que seria do guarda-roupa masculino e que, portanto, não deveria ser utilizada pelas mulheres.

*As meninas são, em geral, mais dóceis do que os rapazes. Por isso importa muito leval-as pelo caminho da convicção, fazendo-lhes como que tocar com a mão a vantagem de certas cousas e os perigos que outras trazem consigo. Não basta, por exemplo, prohibir auctoritariamente uma jovem o uso de tal ou qual vestido á moda; é sem comparação mais racional e mais útil mostrar-lhe os inconvenientes dessa moda, fazer-lhe ver, apontando um caso concreto, os prejuízos que lhe hão de sobrevir do uso do collete, para que, voluntariamente e sem estímulo extranho, abandone essa tão ridícula moda (...) Sebastião Keneipp (Almanach Popular Brasileiro, 1898: 245)*

É constante a repetição do propósito da educação dos filhos pelas mães nos almanaques, como também é, a constante reativação da memória com relação à ideia do amor materno, da vontade natural e imprescindível do cuidado das mães pelos filhos. Essa memória é reativada através de textos intitulados “Conselhos às mães”, que não as deixavam esquecer suas tarefas, através de textos, através de poemas que expressam tanto as impressões das mulheres sobre seus filhos, como a impressão dos filhos sobre as mães.

Outro elemento muito enfatizado nos textos nos almanaques, seja por autores masculinos, ou por autoras femininas, já influenciadas por essa ideologia, era a

importância da manutenção do lar saudável para a construção de uma Nação próspera. Segue abaixo um texto de Julieta de Mello Monteiro destacando a importância que o lar deveria ter na vida de uma mulher, sua principal guardiã.

*O' lar! Doce e casto ninho de felicidade, precioso erario de nossas mais santas aspirações, eu te bemdigo!*

*Tu és, nos felizes momento da existencia, o cofre em que recolhemos os nossos doirados sonhos, és, nos amargurados transes da vida, ainda o receptaculo de nossos prantos. Quem te não amar! [...] Não ha ventura que se possa igualar a que nos proporcionas na tua singeleza. Não ha pompas festivas, não há bailes, não há distrações que devam ser preferidas a ti. Mereces um altar em cada coração puro, porque só esses poderão comprehender-te. [...]*<sup>3</sup> Julieta de Mello Monteiro - Rio Grande (Almanach Popular Brasileiro, 1899: 221).

Cuidar do lar era uma tarefa das mulheres, mas, no entanto, as ordens eram dadas pelos homens. Enfatizando a não substituição dessa ordem é que são invocados provérbios da filosofia popular, para que sejam lembrados e refletidos, como é o caso desta metáfora.

*Philosophia popular - Triste da casa onde a gallinha canta e o gallo cala.* (Almanach Popular Brasileiro, 1897: 129)

Em diversos momentos destaca-se a importância de cultivar as virtudes da alma em detrimento das virtudes do corpo. A beleza de uma pessoa media-se pelo caráter, pela beleza da alma.

*Philosophia popular - A boa fama vale mais do que um bello rosto.* (Almanach Popular Brasileiro, 1897: 129)

Criava-se então, na memória popular a crença de que, os homens possuíam a real beleza, a beleza da alma.

*Belleza masculina - A mulher tem encantos mas o home tem a real belleza. Nos encantos da mulher existem todas os perturbadores mysterios da volúpia terrestre, mas na serrena e máscula volúpia do homem há sempre um que de divino e sagrado.* Aluisio Azevedo (Almanach Popular Brasileiro, 1903: 115)

Também se difundia a ideia de que as infelicidades, eram ocasionadas através de uniões de pessoas muito diferentes. Simplesmente ignora-se a possibilidade de amor

---

<sup>3</sup> No artigo, os discursos transcritos permanecerão com a mesma grafia inscrita nos almanaques.

e de felicidade entre pessoas do mesmo sexo, pessoas de diferentes condições sociais, de diferentes tipos físicos, etnias, etc.

*O amor é uma sugestão mútua entre um homem e uma mulher, sob a condição de que entre os dois exista uma tal e qual conformidade em educação, idade, typo physico e posição social. As desgraças, as tragédias os suicídios, os amores infelizes, provém da falta de conformidade acima referida. Pessoas de idade mui diferentes, educação diversa, de Physicos discrepantes, de situações sociaes mui desiguaes, não podem apaixonar-se mutuamente. (...) A grande paixão, o amor sublime e ideal nasce da perfeita conformidade ou equivalência supracitada. Rio de Janeiro, Urbano Duarte (Almanach Popular Brasileiro, 1899: 115)*

Com relação aos textos escritos por mulheres notamos que, na maioria das vezes, trata-se de poemas, ligados a temas como amor, paixão, família, filhos, lar. Mas existem também textos de autoras que expressam fortemente suas opiniões sobre a sociedade da época, reivindicam a educação das mulheres, rebatem as provocações dos escritores.

### **Considerações finais**

Através desse artigo pudemos elaborar melhor algumas questões relacionadas ao funcionamento estratégico dos Almanques, em especial do *Almanach Popular Brasileiro* e, verificar de que forma as utilizações e manipulações da memória e do esquecimento se fazem sentir nas páginas do almanaque.

Como vimos, existe, por parte dos almanques, uma grande preocupação em enfatizar dados da memória nacional, dos grandes fatos e homens e um esquecimento de questões importantes como a escravidão negra e indígena, por que prejudicariam a construção de uma identidade nacional voltada para o progresso. Mostrar a escravidão evidenciaria o atraso de tal sociedade, bem como a barbárie, itens tão desprezados num cenário que enfatizava a racionalidade, o desenvolvimento e progresso. Notamos também que, a difusão de memórias pessoais em relação ao comportamento de homens e mulheres, funde-se na elaboração de uma memória coletiva sobre o que se esperava dos gêneros.

### **Referências:**

BROTEL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. In: MEYRER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.



CORREIA, J. David Pinto; GUERREIRO, Manuel Viegas. Almanaques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. **Revista ICALP**, vol.6, Agosto/ Dezembro de 1986, p.43-52. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/revistas/revistaicalp/almanaques.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2007.

FEREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYRER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanagues**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

JINZENJI, Mônica Yumi. Cultura impressa e educação da mulher no século XIX. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

MEYRER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanagues*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues Da. Rememoração – Comemoração: As utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, ano-vol.22, número 044. Associação Nacional de História: São Paulo, 2002, PP.425-438.

Fonte:

ALMANACH POPULAR BRAZILEIRO. Pelotas, RS: Livraria Universal, 1894-1908. Anual.